

# Prefácio

Este trabalho é o resultado de parte da investigação efectuada durante vários anos sobre a circulação monetária do século IV d.C. no território português outrora pertencente à província romana da Lusitânia, tema da nossa tese de doutoramento, dirigida pelo Professor Doutor Manuel Martín-Bueno, a ser apresentada na Universidade de Saragoça.

Uma significativa porção deste material é constituída pelas moedas de imitação, tendo nós verificado que não existia na Península um estudo de conjunto sobre este tipo de moedas e a sua problemática. As alusões na bibliografia peninsular às imitações deste período são pouco frequentes, enquanto o alcance do fenómeno noutras áreas do Ocidente do Império, sobretudo na Britânia e na Gália, tem grande amplitude. Esta circunstância pode fazer pensar que a Península ficou à margem do fenómeno. No entanto, o nosso contacto com o material lusitano levou-nos a considerar que esta categoria específica de moedas podia ser mais frequente do que a bibliografia deixava entrever. Assim, neste trabalho, propusemo-nos investigar o fenómeno da imitação, analisando as cópias dos distintos tipos de moedas que balizam o século IV d.C. no contexto da Península Ibérica.

Como não existia um estudo global, optámos por não nos circunscrever ao âmbito da Lusitânia portuguesa, de onde procede todo o nosso material inédito, mas dar um salto espacial e abranger de forma sumária o contexto da Península, prescindindo de apresentar parte desse material, que será incluído na nossa futura tese.

Estamos conscientes das limitações de um estudo deste tipo, mas, apesar de tudo, considerámos importante e oportuno tentar, na medida em que o material reunido o permitisse, dar uma visão, pelo menos aproximada, do que é o fenómeno da imitação da moeda de bronze do século IV d.C. e da incidência que este teve na Península. Prestámos especial atenção a um tipo específico de moeda, o *Ae2 Reparatio Reipub*; fizémo-lo porque, por um lado, é um tipo de moeda privilegiado dentro do nosso material, pelo que nos possibilita um estudo mais detalhado; por outro, porque as suas imitações eram tão pouco conhecidas na Península que tradicionalmente se pensava que não existiam.

O desenvolvimento da presente investigação está sujeito a condicionamentos importantes: a) a dificuldade em identificar este tipo de moedas; b) a ausência de referências a imitações em muitas das publicações, que se pode explicar, não pela inexistência das mesmas, mas por um problema de identificação; c) como consequência do anterior, as grandes lacunas geográficas que existem na nossa informação, sobretudo no que diz respeito ao interior da Península.

Para a nossa análise, baseámo-nos essencialmente numa categoria de material, os tesouros, que, pelas suas características, nos dão uma informação excepcional. Por um lado, constituem um conjunto de achados importante: dos 94 tesouros peninsulares do século IV d.C. dos quais temos um conhecimento detalhado, 42 incluem imitações em maior ou menor grau; nalguns casos, estas foram identificadas depois da revisão directa do material ou através das fotografias das publicações, de tal forma que é muito provável que alguns dos restantes 52 tesouros incluam também imitações. Por outro lado, estes

tesouros distribuem-se ao longo de todo o século, embora a maior parte dos mesmos apresente um horizonte numismático dos finais do século IV d.C., princípios do século V, incluindo as imitações dos diferentes períodos do século. O estudo daqueles conjuntos permite seguir o curso das imitações dos diversos períodos. A informação que os tesouros nos proporcionam foi completada com os dados de uma série de sítios arqueológicos peninsulares, entre cujo material monetário se encontram também as imitações, além da documentação extraída de um pequeno conjunto de publicações com achados avulsos, em que aquelas foram identificadas. À margem dos tesouros, a nossa pesquisa bibliográfica de material a respeito do segundo grupo de achados não foi muito exaustiva não só porque ultrapassaria o âmbito a que a investigação estava sujeita, mas, sobretudo, pelas muitas limitações impostas por este tipo de material e pelas características das publicações consultadas. Destas, na maior parte das vezes, não consta nenhuma referência explícita a imitações, tal como nos tesouros. Nos casos em que as publicações são acompanhadas de fotografias, aquelas são identificáveis; porém, como este procedimento é muito arriscado, a atribuição só foi feita nos casos mais evidentes. No total, através das diferentes fontes, compilámos 1083 imitações (931 constam do catálogo e 152 são referidas ao longo do texto, não sendo estas mencionadas no catálogo porque as características das publicações que as incluíam não o permitiam).

O âmbito cronológico em que se insere este estudo é o século IV d.C., um século de mutações no qual a moeda de bronze não é excepção. O próprio material marca-nos os limites do mesmo: o limite superior, com as primeiras imitações mais bem documentadas, que surgem a partir de 318, e o limite inferior, com as imitações dos finais do século, as dos pequenos Ae4 cuja emissão finaliza em 403, no centro emissor de Roma.

O trabalho que agora se publica corresponde, no fundamental, ao “Trabajo de Investigación de Tercer Ciclo”, apresentado à Universidade de Saragoça em 1997, posteriormente revisto e aumentado.

Muitas são as pessoas que, durante estes anos, intervieram directa e indirectamente no desenvolvimento da nossa investigação e, portanto, na elaboração do trabalho que aqui se apresenta. O nosso especial agradecimento vai para o Professor Doutor Manuel Martín-Bueno, da Universidade de Saragoça, nosso orientador, a quem devemos o gosto e interesse pela numismática, que foram crescendo em paralelo à atracção por um país e por uma cidade próximos, Portugal e Coimbra. Foi o Programa Erasmus, por intermédio do Professor Doutor José d’Encarnação, do Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra, que nos permitiu iniciar nossa investigação numismática e o contacto com a cultura portuguesa. A nossa gratidão vai também para o Professor Doutor José d’Encarnação pelo acolhimento dispensado desde o início nesta Instituição, local onde decorreu a quase totalidade da nossa investigação, bem como para o Director do Instituto, Professor Doutor Jorge de Alarcão, e ainda para a Dra. Conceição Lopes e para o Doutor António José Nunes Pinto.

O nosso reconhecimento também para aquelas instituições que, de uma forma ou outra, contribuíram financeiramente para a nossa investigação: o Programa Europa da Caja de Ahorros de la Inmaculada de Saragoça, o Ministério de Assuntos Exteriores e o IPPAR (particularmente o Dr. Rafael Alfenim). Agradecemos igualmente ao antigo Director do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, Dr. Francisco Alves, e ao actual Director, Dr. Luís Raposo, pelas facilidades prestadas para aceder ao material, assim como aos seus funcionários, Dona Margarida Cunha e Miguel Flávio, infelizmente já falecido, autor das fotografias do material que procede do Museu. Expressamos ainda a nossa gratidão à antiga Directora do Museu Monográfico de Conimbriga, Dra. Adília Alarcão, e ao actual Director, Dr. Virgílio Correia, e ao Dr. António Faria, pela cedência de material para estudo.

As fotografias do sítio de Conímbriga são da autoria de Manuel Matias, técnico de Conservação e Restauro do Museu do Museu Monográfico de Conímbriga. As do tesouro de Tróia II foram retiradas do estudo de M. L. Abreu Nunes (1973) – *Tesouro romano do séc. IV de Tróia de Setúbal*. Agradecemos à autora a autorização para a sua reprodução. As fotografias do sítio de Freiria são da autoria do Dr. Guilherme Cardoso.

Uma palavra de reconhecimento também para o Prof. Doutor Jorge de Alarcão, para a Dra. Lurdes Craveiro e para o Dr. António Faria que, de forma generosa, se disponibilizaram para a revisão da tradução do texto.

Ao IPA, pelo acolhimento deste trabalho, aceitando a sua publicação na série “Trabalhos de Arqueologia”.

Não queremos deixar de nomear a Dona Milú, o Zé Luís, o Tó, o Pedro, o Ruivo, a Isabel, os nossos colegas da Real República Prá-kys-tão e, em definitivo, todos aqueles que, tanto em Coimbra como em Saragoça, partilharam e sofreram o quotidiano que impulsionou a nossa investigação.